

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Pós-Graduação em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial

Eduarda Faria Vieira Lopes

LUDOPATIAE GESTALT-TERAPIA:
Patologia ou ajustamento criativo

Belo Horizonte
2025

Eduarda Faria Vieira Lopes

**LUDOPATIAE GESTALT-TERAPIA:
Patologia ou ajustamento criativo**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Saleth Salles Horta

Belo Horizonte
2025

150	Lopes, Eduarda Faria Vieira.
L8641	Ludopatia e gestalt-terapia [recurso eletrônico] : patologia ou ajustamento criativo? / Eduarda Faria Vieira Lopes. - 2025.
2025	1 recurso online (32 f.): pdf. Orientadora: Saleth Salles Horta.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Jogos de azar. 2. Vícios . 3. Ajustamento (Psicologia). 4. Patologia . 5. Gestalt-terapia. I.Horta, Saleth Salles. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

LUDOPATIA E GESTALT-TERAPIA: PATOLOGIA OU AJUSTAMENTO CRIATIVO

EDUARDA FARIA VIEIRA LOPES

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Salles Horta - Orientadora

FAFICH/UFMG

Telma Fulgêncio Colares de Melo

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 07 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**,
Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 07/07/2025, às 17:07, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)
[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4357470** e
o código CRC **D5C3E774**.

RESUMO

Jogos, no geral, são divertidos e importantes para o desenvolvimento cognitivo e motor, como também para o emocional e a socialização das pessoas. Porém, apesar da função de entretenimento e estímulo, a dependência em jogos se apresenta como um comportamento que pode ter consequências negativas para a vida pessoal e profissional dos indivíduos, com adversidades sociais, emocionais e financeiras. A dependência em jogos de azar, denominada ludopatia, é caracterizada pelo comportamento compulsivo. E muitas pessoas não reconhecem a necessidade de ajuda e/ou tratamento, o que pode agravar ainda mais as consequências advindas das apostas em jogos. Através de uma busca bibliográfica não sistematizada sobre o tema, realizou-se a pesquisa, pela ótica da Gestalt, sobre como a ludopatia se apresenta como transtorno - se assim o for –, ou se, mesmo com decorrências nocivas, é uma resposta a uma situação ou realidade mais insuportável, como uma forma de se autorregular. A Gestalt, sendo uma abordagem cuidadosa e respeitosa, é essencial na construção deste trabalho, por contribuir para uma análise humanizada e responsável.

Palavras-chave: Ludopatia. Gestalt. Ajustamento.

ABSTRACT

Games in general are very enjoyable and important for cognitive and motor development, as well as for emotional growth and socialization. However, despite their role in entertainment and stimulation, gaming addiction can manifest as a behavior with negative consequences for personal and professional life, including social, emotional, and financial challenges. Gambling addiction, known as ludopathy, is characterized by compulsive behavior, and many individuals do not recognize the need for help and/or treatment, which can further worsen the outcomes resulting from betting on games. Through an unsystematic literature review on the subject, this research explores, from a Gestalt perspective, how ludopathy presents itself—whether as a disorder, or, despite its harmful consequences, as a response to an unbearable situation or reality, serving as a means of self-regulation. A careful and respectful approach is essential in constructing this work, as it contributes to a more humanized and responsible analysis.

Keywords: Ludopathy. Gestalt. Adjustment.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	DESENVOLVIMENTO	7
	2.1 Ludopatia: a dependência em jogos de azar	7
	2.2 A Gestalt como abordagem	12
	2.3 Análise sobre a ludopatia, à luz da Gestalt	20
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A ludopatia, reconhecida pelo Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como a dependência em jogos de azar, tem se destacado como tema, devido ao crescente acesso à internet, bem como aos inúmeros casos de prejuízos advindos da prática de jogos online, cassinos virtuais e apostas esportivas. As consequências provenientes desse comportamento são diversas: sociais, econômicas e culturais. Entretanto, apesar de, na maioria das vezes, a aposta em jogos de azar ser uma prática individual, a ludopatia é uma questão de saúde pública e necessita de cuidado interdisciplinar.

Assim como outras adicções, a aposta em jogos de azar pode ter diversas causas, e estas são singulares. A falta de sentido existencial, ou mesmo a tentativa de se “anestésiar” de uma situação insuportável, faz com que o indivíduo lance mão dos jogos. No entanto, mesmo que, a priori, isso ocorra em busca de entretenimento, há uma fronteira tênue entre as duas expressões: a brincadeira versus a adicção, o lúdico versus o patológico.

Nesse contexto, o ato de jogar de maneira compulsiva implica fatores emocionais e demanda do profissional da saúde mental estratégias terapêuticas. Porém, muitas pessoas que apresentam a ludopatia não percebem a necessidade de tratamento.

Diante desse cenário, a Gestalt-terapia aparece como uma abordagem eficaz no atendimento às pessoas com ludopatia. Ela considera o cuidado e o respeito à história, às possibilidades, às dificuldades e à escolha do paciente, buscando promover suporte e autonomia. Em vez de a abordagem focar na interrupção das apostas em jogos de azar, ela irá compreender qual o verdadeiro sentido que a atividade tem para a pessoa.

O cuidado profissional resulta também na autonomia daqueles que fazem o acompanhamento psicoterapêutico, independentemente de qual questão for, pois, se do cuidar surge um processo ético e de qualidade, do cuidar mostra-se um paciente responsabilizado, livre e implicado.

Por fim, vale destacar que, apesar de o tema da ludopatia ser cada vez mais mencionado, analisado e estudado, esse não é um dilema que se limita à atualidade. O que ocorre é que os modos de aposta foram se modificando, o que necessita de análises vigentes e intervenções que impliquem a sociedade

atual. Portanto, este trabalho discorrerá sobre as apostas em jogos de azar pelo olhar da Gestalt-terapia, abordagem esta utilizada por alguns psicoterapeutas, que experienciam na clínica as diversas faces de adoecimentos, sobretudo as relacionadas à ludopatia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Ludopatia: a dependência em jogos de azar

As apostas em jogos de azar são uma prática antiga, presente em diversas culturas ao longo da história. Com a evolução da tecnologia, esse hábito se intensificou, especialmente com a popularização das plataformas online. A ludopatia, que é reconhecida como compulsão em jogos de azar (Estação Psi, 2023) demanda o olhar dos psicoterapeutas, pois eles têm a contribuir para a saúde mental das pessoas que apresentam a dependência.

Galetti *et al.* (2008) expõem que espaços próprios para jogar, como as casas de bingo, oferecem as apostas como um passatempo, como uma atividade prazerosa, bem como algo que tem ganhos financeiros. Por outra ótica, a facilidade do acesso à internet aumentou significativamente a oferta de serviços de apostas online. Como os autores explicam, o “Jogo patológico (JP) é um transtorno que vem aumentando recentemente no mundo e potencializando-se em virtude do desenvolvimento tecnológico” (Galetti *et al.*, 2008).

Por conseguinte, esclarece-se que, independentemente do modo -físico ou online, nas casas de bingo, mesas de baralho ou jogos em plataformas em redes –, o comportamento incontrolável e compulsivo de jogar pode existir, permitindo que a pessoa tenha experiência de pertencimento, coragem, euforia e felicidade.

Augusto Cury (2023), em seu livro *Intoxicação Digital*, discute sobre o quanto, com a internet, somos bombardeados diariamente, numa velocidade altíssima, com informações que não são retidas, com padrões tirânicos de vida, com facilidades e felicidades doentias. Com influenciadores com histórias artificiais e possibilidades que, muitas vezes, não encaixam em vidas reais. Para ele, com a internet, muitos jovens procuram por um sucesso rápido e uma felicidade fácil (Cury, 2023), várias vezes financeira, e a aposta em jogos de azar é um exemplo disso.

As pessoas identificadas com ludopatia são consideradas jogadores patológicos. Elas gastam grande tempo com os jogos, endividando-se, podendo recorrer “a medidas desesperadas, como roubar ou vender bens, para obter dinheiro para jogar” (Estação Psi, 2023). Num artigo da Estação Psi (2023), o autor, desconhecido, afirma que jogar compulsivamente pode levar a endividamento, perda

de bens, problemas de relacionamento e até mesmo divórcio, bem como a pessoa pode perder o emprego devido a faltas e comprometer sua saúde física e mental.

Zorzetto e Orlandi (2024), em entrevista à revista Pesquisa FAPESP, falam sobre os efeitos nocivos dos jogos online, especialmente sobre o grande número de *bets* atuando no Brasil, o que leva ao aumento extraordinário de apostas e causa preocupação com o crescimento de quadros patológicos. Os autores apresentam dados obtidos por um relatório divulgado pelo banco Itaú: de julho de 2023 a junho de 2024, os brasileiros movimentaram R\$68,2 bilhões no mercado de apostas online.

Complementando esse dado, segundo uma análise técnica realizada em setembro de 2024 pelo Banco Central, cerca de 24 milhões de pessoas físicas participaram de jogos de azar e apostas no período de janeiro a agosto do mesmo ano. A faixa etária varia, mas a maioria do grupo tem entre 20 e 30 anos, período de idade em que as apostas são maiores. Mas, segundo o estudo, a atividade de apostar independe da classe econômica-social, pois muitos apostadores são pessoas em vulnerabilidade, que recebem o benefício Bolsa Família, os quais são mais prejudicados pela atividade, por se atraírem pela possibilidade de terem uma vida financeira melhor, e este não é o retorno na maioria dos casos.

Zorzetto e Orlandi (2024) apresentam uma pesquisa publicada na revista *Psychological Bulletin*, que o quadro patológico de jogadores ou apostadores tem uma relação direta com pensamentos ou tentativas de autoextermínio.

Pensar em tirar a própria vida – e, por vezes, tentar – é de duas a três vezes mais comum entre as pessoas que desenvolvem uma relação problemática com o jogo do que entre o restante da população. Um em cada três apostadores pensa ao menos uma vez em se matar e um em cada oito realiza uma tentativa, segundo um artigo de pesquisadores da Noruega e do Reino Unido (Zorzetto, 2024, p.13).

Pelo exposto anteriormente, é possível afirmar que, além de ser um problema social, o quadro patológico de apostas em jogos é um problema de saúde. As plataformas que atuam no Brasil são diversas, desde apostas esportivas, jogos de caça-níquel, ao “jogo do tigrinho”, e especialistas em saúde mental e de atuação social se fazem fundamentais na discussão desse tema.

Uma pesquisa realizada em 2008 com idosos apresenta a comorbidade e prevalência de doenças psiquiátricas com o jogo patológico. Ademais, ela conclui que

assim como nos adultos, também existe correlação entre apostas em jogos de azar e consumo de substâncias nos idosos. Quanto mais problemático o envolvimento com jogo, mais problemático é o consumo de substâncias (álcool) e maior prevalência de transtornos do humor (depressão). No entanto não se pode afirmar uma relação causal entre esses fatores (Galettiet *al.*, 2008).

De acordo com o Departamento de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde, o “transtorno do jogo” está incluído na Classificação Internacional de Doenças (CID-11- código 6C50.0) e tem semelhanças com transtornos decorrentes de uso de substâncias.

Assim como as drogas estimulantes, as apostas online em jogos de azar implicam a alteração de serotonina e dopamina. Cury (2023) infere como resultado, para além do impacto financeiro com as apostas, a alta dependência psicológica, como no uso de cocaína, o que faz com que os jogadores tenham a necessidade de repetir e passar mais tempo em atividade de aposta.

“Infelizmente, o uso indiscriminado de redes sociais e videogames é uma droga socialmente aceita e comercialmente livre” (Cury, 2023, p.74), assim como a aposta em jogos, que, em alguns casos, também não é proibida. Além disso, o autor defende que atividades que mexem negativamente com o ciclo dos neurotransmissores e hormônios são graves, pois podem provocar “uma atrocidade inimaginável para o futuro emocional e intelectual” (Cury, 2023, p.74).

Maria Paula de Oliveira, psicóloga e supervisora do Programa Ambulatório do Jogo Patológico do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista ao jornal da universidade, afirma que o grande problema é quando os jogadores veem necessidade de apostar novamente para recuperar o que já perderam.

Compatível com a afirmação de Maria Paula, Saleth Salles, psicóloga e professora da Especialização em Psicologia Clínica da UFMG, dava aula para a turma de pós-graduação, no dia 29 de março de 2025, quando usou o termo “Pensamento Mágico” para se referir à convicção que uma pessoa tem de que, não importa as circunstâncias, dará “tudo” certo. Por exemplo, os jogadores têm a convicção de que “dessa vez a aposta dará certo”, não perderão nada ao tentarem novamente, mas, se perderem, da próxima vez não terá erro. Essa é uma ótima amostra de Pensamento Mágico.

Maria Paula também diz ao Jornal da USP que o quadro de transtorno relacionado a jogos e apostas é parecido com o vício em drogas, o que agrega à fala de outros autores. Segundo Maria Paula (*apud* Tamarro, 2024, tempo 0:40) a aposta online “atinge, no cérebro, os sistemas que estão ligados com a recompensa e a dificuldade de parar, pensar e escolher”. E ela completa dizendo que, normalmente, aqueles que se envolvem com esse tipo de atividade “são pessoas muito impulsivas”.

Newport (2019) diz que, para muitas pessoas, a palavra vício assusta, porém certifica que, tratando-se do quadro de ludopatia, é preciso compreender o termo por um olhar técnico. Ele apresenta a definição de vício para os psicólogos, que tem uma significação desprovida de senso comum: “O vício é uma condição em que uma pessoa adere ao uso de uma substância ou comportamento cujos efeitos de recompensa proporcionam incentivo contínuo à prática, independentemente dos efeitos colaterais” (Newport, 2019, p.14).

É comumente partilhado o termo vício com um significado corrompido, bem como saturado de preconceitos, mas, para avaliações técnicas, não se pode utilizar o senso comum. Tecnicamente, a palavra vício tem uma essência de teorias mais biológicas, como a Medicina, o que distingue da psicologia. Despontaremos a partir daqui que psicólogos usam o termo adicção para se referirem, de forma ampla, à compulsão por alguma conduta, com substâncias ou não, e, por isso, será o termo utilizado ao longo do trabalho.

No livro de Hermann Schreck Malgor, *Soltar as Muletas: um olhar diferente sobre drogas e a adicção*¹, e a partir do exposto anteriormente sobre as semelhanças entre a compulsão por apostas em jogos de azar e o uso de substâncias, é interessante e importante discorrer sobre este tema. Ademais, Malgor é Gestalt-terapeuta, com um vasto caminho profissional, e experiente no tema de adicções e suas diversas expressões.

O livro supracitado foi central para analisar a ludopatia. Nele, o autor apresenta o tema de adicções de maneira muito construtiva para esta escrita, já que a pesquisa se embasa na Gestalt-terapia.

Segundo Malgor,

¹ Apesar de Malgor utilizar o termo “Adicção” sem o “c” mudo, a forma atualizada e correta é adicção, com o “c”, por razões etimológicas: a palavra vem do latim *addictio*. Portanto, quando esta for em uma citação direta, o termo será transcrito da forma como o autor a escreveu. Em todas as outras partes que assim não o for, será utilizado o termo adicção.

a adicção poderia ser definida como uma relação compulsiva com determinada substância apesar dos danos gerados por essa conduta, da aparição de sintomas físicos e emocionais desagradáveis diante da abstinência e da experimentação de craving ou fissura – desejo intenso e prolongado de consumir determinada substância (Malgor, 2019, p. 72).

O autor escreveu que existem adicções que proporcionam alívio e prazer, que podem ser comparadas ao consumo de algumas substâncias. Nessa obra, ele expõe que algumas atividades podem ser proveitosas e importantes na vida de uma pessoa, mas que a dependência delas pode ter efeitos negativos para ela e para os que convivem junto dela, podendo ser física e psicológica (Malgor, 2019).

Ele diz que, para entendermos o comportamento aditivo, é preciso distinguir a adicção física e a adicção psicológica, além de compreender que a maioria das adicções pode gerar os dois tipos ou apenas um deles. O autor afirma que, quando se fala de “adicção sem drogas”, prevalece a dependência psicológica, o que seria o caso dos jogos (Malgor, 2019).

Partindo de um olhar holístico, segundo o qual somos *um todo*, não podemos ignorar o aporte de substâncias endógenas liberadas com o exercício de determinado comportamento, nem que a dependência também inclui as substâncias químicas que, internamente, nosso corpo produz diante de experiências significativas que vivemos (Malgor, 2019, p. 85).

O escritor exemplifica o exposto acima com a onda de adrenalina ao fazer atividades radicais (Malgor, 2019). Paralelamente, é possível também apontar a adrenalina ao fazer apostas em jogos online, ao, de forma ilegal, ganhar dinheiro com a atividade, pois, em um quadro dependente, há uma implícita compulsão a fim de evitar algum tipo de mal-estar ou dor, sendo os vínculos aditivos “uma via para alcançar paz, tranquilidade e equilíbrio numa vida difícil” (Malgor, 2019, p.92).

No livro, Malgor (2019) cita algumas adicções sem drogas, como: dependência ao trabalho (os *workaholics*), às compras, à comida, assim como as condutas aditivas relacionadas com as novas tecnologias, a ludopatia e a dependência às redes sociais.

Nem todas as pessoas que jogam têm problemas com a atividade, mas muitas pesquisas apontam que, quanto maior o número de apostas registradas, maiores são as chances de pessoas estarem envolvidas de maneira dependente

aos jogos de azar, seja por dívidas, seja pela sensação de prazer, dentre outras causas, cada um a sua maneira.

Constata-se que jogar pode ser um ato prazeroso, mas também problemático. Estar envolvido com jogos de azar é uma relação singular. Não é possível generalizar a adicção, como se todas as pessoas a desenvolvessem, experimentassem e vivessem da mesma maneira. Nenhum jogador é igual ao outro.

Portanto, tendo desenvolvido brevemente sobre o tema central desta escrita, faz-se necessário discorrer sobre a Gestalt como abordagem para, então, posteriormente, compreender, pelos seus olhos, a ludopatia e/ou as pessoas que experienciam a patologia.

2.2A Gestalt como abordagem

Em 1951, quando houve a publicação do livro *Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality*, de Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline, a Gestalt-terapia surgiu e se constituiu algo tão novo, indeterminista e diferente de outras abordagens quanto o behaviorismo e a psicanálise.

Gestalt significa forma, configuração, e quando trabalhamos com uma sistematização, nenhuma é igual a outra, ou seja, uma Gestalt nunca se repetirá. Frazão (2013) confirma: “Uma Gestalt ou configuração não se reduz à simples soma de partes, nem mesmo à justaposição delas. Se qualquer parte da configuração for alterada, teremos uma configuração diferente”.

Vários nomes contribuíram para o desenvolvimento da Gestalt-terapia. Muitas contribuições foram trocadas entre eles, compartilhando modos diferentes de trabalho. Assim, a disseminação da abordagem pelo mundo se deu a partir de olhares distintos e sobretudo por duas fortes correntes: uma conduzida por Fritz Perls, através de *Workshops* e aulas de demonstração; e outra representada por Laura Perls, Isadore From e Paul Goodman, que se preocupavam com as bases teóricas e filosóficas da abordagem (Frazão, 2013, p.19).

No início, os estudos dos Gestalt-terapeutas aconteciam com o modelo tradicional de Fritz Perls, de vivências, e com pouco preparo teórico, porém, com o passar do tempo, as ideias de Laura, From e Goodman se difundiram na maior parte do mundo (Frazão, 2013, p.20), permitindo um desenvolvimento mais completo da

abordagem. Isso porque a prática é fundamental para consolidar o aprendizado e aprimorar habilidades, pois permite que a pessoa aplique o conhecimento em situações reais, desenvolvendo competências de maneira mais concreta. No entanto, a teoria não deve ser negligenciada, pois ela fornece a base necessária para o que precisa ser feito.

No Brasil, a Gestalt aparece juntamente com a Ditadura Militar, em 1970 (Frazão, 2013, p.21). Nesse momento, destaca-se a dominação, imposição, reclusão e violência, tudo que a Gestalt não tem como princípio. Mas, mesmo assim, muitos profissionais psicólogos se dedicaram para o desenvolvimento da abordagem no país. Em 1976, foi feita a primeira publicação sobre Gestalt-terapia no Brasil, mas apenas em 1997 o livro foi traduzido para o português com o título *Gestalt-terapia* (Frazão, 2013, p.22).

A construção da abordagem estruturou e desconstruiu compreensões, até chegar à Gestalt-terapia utilizada hoje, que recebeu influências dos princípios humanistas, da fenomenologia e do existencialismo, mas se estruturou como uma abordagem capaz de cuidar de maneira própria.

Husserl, filósofo precursor do método utilizado na Gestalt-terapia, a fenomenologia, conseguiu, em 1884, revolucionar “todo o pensamento das ciências humanas do século XX – e da própria filosofia – até o presente” (Rehfeld, 2013, p.25). Rehfeld (2013) expõe que Husserl teve como proposta de trabalho a Redução Fenomenológica, ou *epoché*, que é deixar aparecer o verdadeiro sentido das coisas, a sua “essência”, e que, para isso, é necessário que seja ressignificada a realidade do senso comum.

Ademais, o autor afirma que não há sujeito sem mundo e mundo sem sujeito, pois todo e qualquer sentido através da *epoché* advém da relação e co-construção que os constitui. Husserl então “procurou fundar um modo de chegar ‘às coisas mesmas’ buscando prescindir das especulações, hipóteses e leis gerais para entrar em contato com a especificidade, a originalidade e a singularidade de cada fenômeno que se mostra” (Rehfeld, 2013, p.27).

Desse modo, esse método proposto por Husserl, a fenomenologia, é o exercício de voltar às coisas mesmas, sem pré-concebidos ou hipóteses, e duvidar de qualquer ideia e afirmação, para construir o caminho rumo à essência. Ademais, quando o processo fenomenológico acontece, as possibilidades de-ser-do-ser aparecem.

Rehfeld (2013) diz também que, para fazer fenomenologia, é necessária uma nova maneira de pensar e agir: é preciso focar na relação estabelecida, e não clarificar o mundo e o objeto de maneira tendenciosa. Ele ainda cita Husserl novamente quando afirma que, se for preciso presumir, não será fenomenologia. “Tudo que for aparente, óbvio e preconcebido é colocado em questão” (Rehfeld, 2013, p.29).

Compreender é um fazer fenomenológico e gestáltico, mas também um esforço em apreender a significação de sua experiência (Rehfeld, 2013, p.30), ou seja, compreender é mais do que simplesmente refletir sobre alguma realidade, é fazer fenomenologia. O autor também coloca que esse exercício não é uma técnica, mas um experimento, em que paciente e terapeuta caminham juntos em busca do desconhecido pelos dois. Além disso, Rehfeld (2013, p. 33) expõe que a fenomenologia possibilitará o aparecimento da verdadeira pessoa, e não resumirá o paciente em pré-conceitos biológicos, religiosos e até ontológicos, proporcionando a ampliação da consciência, um dos principais pilares do trabalho clínico em Gestalt e fenomenologia.

O existencialismo, a filosofia sobre a existência humana, tem como finalidade “compreender o homem como ser concreto nas suas circunstâncias e no seu viver, conforme se mostra na sua realidade” (Cardoso, 2013, p.60). E compreender o existencialismo é se apropriar de pressupostos que embasaram a teoria e prática da Gestalt.

Na perspectiva existencial, há a visão de que a essência do homem não é algo posto, mas algo que está em constante construção, um constante vir a ser. Como aponta Cardoso (2013, p. 60), o sujeito “é livre para escolher sua essência a cada instante, consumando, assim, seu projeto de vida e de ser no mundo”. Além disso, o homem é responsável por suas escolhas, independentemente de limitações físicas, sociais, espaciais e temporais, completa a autora.

No existencialismo, também há o pressuposto de que, apesar das possibilidades, com a liberdade de escolha, há uma angústia, pois, neste mundo de diversas oportunidades, o homem se encontra em situação sem garantia de realização, sucesso e segurança (Cardoso, 2013, p.61), e isso tem tudo a ver com a Gestalt-terapia. Ela diz:

Ao considerar o cliente um ser particular, consciente e responsável, livre para construir seu projeto existencial, a proposta do Gestalt-terapeuta é levá-lo a tomar conhecimento do seu projeto de vida e a assumir a responsabilidade pela direção do sentido de sua existência (Cardoso, 2013, p.62).

Portanto, o profissional é convocado a contribuir com o processo terapêutico, de tomada de consciência, de fortalecimento, de autonomia do seu paciente, ou seja, uma prática que converge para uma abordagem humanizadora do homem.

Mendonça (2013) aborda o humanismo como crítico à psicanálise e ao behaviorismo por estas últimas focarem, respectivamente, no inconsciente e em seu determinismo e na observação comportamental apenas, sendo, então, correntes teóricas que não visam o homem holisticamente, e a Gestalt-terapia está associada ao humanismo justamente por essa visão integral do Ser.

A autora supracitada expõe que, na clínica, é essencial entender o homem em toda a sua totalidade, mesmo ele manifestando perfis, e que “a autonomia do espírito humano, capaz de encontrar por si mesmo a melhor alternativa para suas dificuldades, é o ponto de encontro entre o humanismo e a Gestalt-terapia” (Mendonça, 2013, p.80).

É partilhada entre as abordagens, humanismo e Gestalt, a visão de que o homem tem um potencial único, que não depende de algo externo para ser gerido ou regulado, nem mesmo do terapeuta. Mas, para que o paciente tenha essa autonomia, Mendonça (2013) afirma que é necessário trabalhar para promover a abertura do paciente à sua potencialidade, para que ele experiencie a *awareness*, que é a tomada de consciência, fundamental para o crescimento inter-humano.

Tomar consciência é fundamental para o processo de autoconhecimento e para o desenvolvimento humano, pois nos permite perceber e entender nossas escolhas mais clara e profundamente. Ao nos tornarmos mais conscientes de nossos comportamentos, conseguimos identificar e assumir dificuldades, além de esse processo melhorar nossos relacionamentos e interações, com nós mesmos e com o mundo. A tomada de consciência é, então, um passo essencial para a transformação pessoal, pois nos dá o poder de escolher como responder às situações e de atuar de forma mais responsável.

A clínica gestáltica também se norteia na ética humanista pelo fato de respeitar fenomenologicamente a experiência do paciente, estar inteiro para que “no entre” emergja a melhor relação terapêutica, e estar preocupado com a ontológica questão do homem “ser com” (Mendonça, 2013, p.84).

Além disso, é condição para um espírito humanista e gestáltico a empatia e a compaixão, desde que não forçadas ou encenadas, pois propõem um manejo do olhar do paciente para as suas dores e o modo do outro (Mendonça, 2013, p.85). Nessa mesma perspectiva, a espontaneidade por parte do psicólogo no processo terapêutico é muito importante, pois contribui para criar um ambiente acolhedor e de cuidado. Na clínica, por exemplo, se o psicólogo é espontâneo, ele transmite segurança para a construção do vínculo terapêutico. A espontaneidade também permite que o terapeuta faça intervenções próprias às necessidades do paciente, com respeito.

Mendonça (2013) ainda apresenta que

A poética humanista gestáltica em outra vertente clínica, quando ante o apelo do “incurável” abrimos mão das certezas para operar com a esperança(...). Ao encontrar o outro à sua frente, não se pergunta como fazer para tratá-lo, e sim como recebê-lo sem rótulos, como escutar a voz do seu silêncio, como reconhecer nele a mesma humanidade que me atormenta, me eleva e me permite seguir confiante na evidência da nossa identidade... Porém, quando diante do sobressalto inesperado da sua singularidade, essa mesma poética faz que se calem e se recolham todas as vozes da minha ciência, na escuta reverente do mistério que se anuncia. Assim meu testemunho privilegiado levará à construção de um saber visceralmente enraizado no fenômeno humano (Mendonça, 2013, p.88).

Compreende-se, com a fala de Mendonça, que a maneira de atuação do Gestalt-terapeuta é determinante no processo terapêutico. É primordial uma condução ética, pautada pela fundamentação teórica de qualidade e coerente com a abordagem.

Frazão (2013) afirma que, até meados de 1979, o terapeuta agia sobre o paciente em um processo terapêutico. A partir de 1980, por outra ótica, surge a noção de campo relacional, em que terapeuta e paciente são função e são importantes para que o processo terapêutico aconteça. “Husserl já colocava as atividades do sujeito pensante em ligação direta com o mundo” (Fukumitsu, 2013, p.41).

A relação terapeuta-paciente é muito importante e vai dizer da relação do paciente consigo e com o mundo. Isso porque a Gestalt é uma abordagem dialógica. “É no evento do inter-humano que ocorre o encontro dialógico, caracterizado pela reciprocidade das partes que se relacionam, pela presença confirmadora da pessoa do outro, pela abertura para a totalidade do ser do outro” (Cardoso, 2013, p.64). Por conseguinte, a autora também afirma que o contato pode implicar em uma relação,

que pode proporcionar o crescimento de si e do outro, mas que é preciso uma postura de abertura e disposição para que aconteça genuinamente um encontro.

Cardoso (2013, p. 65) ainda completa que a reciprocidade, a atenção e o cuidado encorajam “a expressão da pessoa e a confirma em suas vivências”. E, como dito, na terapia, a relação dialógica é fundamental, além da autenticidade e da confiança, tanto para o psicoterapeuta quanto para o paciente.

A postura de respeito, aceitação, diálogo e presença genuína do psicoterapeuta facilita a tomada de consciência e o encontro do paciente com ele mesmo. Tudo isso é cuidado, que “é uma atitude que traz implicitamente o desprendimento de si e um voltar-se para o outro, numa relação de afetividade, de interesse genuíno e de atenção para com a pessoa de quem se cuida (...) e está ligado à presença e a relação” (Cardoso, 2013, p.67).

O cuidado que Cardoso está referenciando é muito importante para que as pessoas em condições frágeis, independentemente de qual for, não percam o sentido da sua existência, ou para que, se já o tiverem perdido, recuperem-no. Essa perda de sentido pode ser experimentada de diversas formas, como por sintomas depressivos e de ansiedade, inclusive, muito comuns hoje como diagnósticos de diversos pacientes. Entretanto, apesar dos diagnósticos verificados, os sintomas e rótulos como algo imutável não condizem com a abordagem gestáltica.

Para Cardoso (2013), cuidar consistiria em refletir sobre o ser e redescobrir o sentido da sua existência em todos os aspectos da sua vida, e deve ser um fazer com o paciente e não por ele, possibilitando o seu fortalecimento, o seu autossuporte.

Quando o profissional não oferece o cuidado “técnico” ou não se compromete adequadamente com o processo do seu paciente, o progresso terapêutico pode ser quebrado. Isso pode gerar insegurança e até mesmo resistência por parte do paciente. Além disso, a escuta ativa está diretamente ligada ao cuidado, e se esta for ausente, não haverá um acompanhamento genuíno e autêntico, causando o seu insucesso.

A Gestalt é rica em sua teoria e prática. Os autores contemporâneos aprimoram as contribuições da abordagem como um todo. Lima (2013) expõe que é possível refletir sobre a Gestalt como uma linha de pensamento que “germinou” a partir de sementes do holismo e dos ideais organísmicos, essenciais para a compreensão do trabalho.

Ela afirma que “aderir ao paradigma holístico significava uma tentativa de romper com o paradigma reducionista e isolacionista com o qual as ciências médicas e biológicas da época estavam comprometidas” (Lima, 2013, p.151). Já o entendimento de organísmico é descrever o humano como interacional, e não simplesmente como um sistema biopsicossocial em busca de sua autorregulação², pois os indivíduos “são criadores e criaturas ativas no processo de transformação do universo” (Lima, 2013, p.151).

Sendo assim, é possível afirmar que o mundo se manifesta em nós e somos sempre, constantemente, atravessados por uma energia que nos implica pela busca da harmonia, da integração, da autorregulação, mesmo que esta não seja de alguma forma positiva para a saúde e o bem-estar humano. E é por isso, portanto, que Lima (2013) afirma que o pensamento organísmico-holístico opõe-se ao pensamento psicofísico, pois o primeiro indica um pensamento de homem integrado entre mente, corpo e meio, e o segundo com um sentido cognitivo-comportamental. A Gestalt tem um viés organísmico-holístico.

Compreende-se, assim, a importância do meio enquanto influenciado e influenciador, e, relacionando isso à dinâmica do adoecimento, segundo Lima (2013), a psicologia, como também uma ciência da saúde, deve pensar o adoecer como um processo relacional.

A saúde e a doença passam a ser consideradas e pensadas como busca pela autorregulação, e mais, Lima (2013, p. 153) completa que o “sintoma é uma tentativa primeira de adaptação do organismo diante das prioridades que este discrimina no seu momento atual e a busca de atender a elas, da melhor forma possível”. Nesse viés, a autora expõe que não existe sujeito doente, ou doenças de ordem intrapsíquica, pois a subjetividade já não é vista como algo interno, mas formada pela relação homem-mundo.

E a fluidez dessas “adaptações” – autorregulações –é importante, pois, quanto mais assim o for, mais harmônico e dinâmico será para o ser, sem adoecimentos. O “sentido de conexão de que somos parte do todo e, portanto,

² A autorregulação é compreendida como potencial do ser humano de buscar sempre a melhor possibilidade de lidar com cada situação, encarando as frustrações e os impedimentos impostos pelo meio e criando modos alternativos comunitários de resolver os impasses, conseguindo alcançar a melhor forma possível de se chegar a uma boa resolução para as demandas que surgem (Lima, 2019).

criaturas mundanas é o cerne da visão de homem e de mundo da Gestalt-terapia” (Lima, 2013, p.156).

A nova onda de abordagens terapêuticas de que a Gestalt-terapia faz parte, a Terceira Onda, traz para a psicologia uma nova visão de homem,

ênfatisa a autorrealização por meio do desenvolvimento das potencialidades humanas de crescimento e criatividade. O homem se determina, interage ativamente com seu ambiente, é livre e pode fazer escolhas, sendo responsável por elas no universo inter-relacional no qual vive, o que constitui um novo paradigma (Frazão, 2013, p.12).

Compreende-se, então, que a visão de homem e de mundo adotada pela Gestalt-terapia é de um ser humano integralmente guiado, mas autônomo, compreendido como um ser no mundo em relação, sempre em processo de se autorregular, livre e capaz para fazer escolhas, o que o torna responsável por sua existência, mesmo que esteja angustiado.

Assim, o homem para a Gestalt-terapia é um sistema complexo, que interage biologicamente, psicologicamente e socialmente em um determinado contexto, que é transformado e que também transforma.

O princípio de se autorregular está diretamente ligado ao de ajustamento criativo, muito importante da Gestalt, que se refere à habilidade de ajustar-se ao ambiente, da melhor forma possível, de acordo com as condições da pessoa e do ambiente (Frazão, 2013, p.105).

Buscar ajustar-se é um processo individual, com causas, sentido, consequência e benefício particular. E ajustar-se implica e depende da história de vida da pessoa e de como ela enxerga a sua existência e o seu mundo no momento presente, ou seja, depende de qual o seu nível de consciência de vida (particular e compartilhada). Essa consciência está conectada com a percepção do paciente, e essa percepção é fluida, dependendo da abertura e disposição do paciente para o processo terapêutico, sobretudo para a vida.

Figura e fundo consistem no que se chama de Gestalt, configuração ou totalidade, a figura sendo aquilo que está sendo percebido, e o fundo, aquilo que está em segundo plano da consciência. É preciso considerá-las, e não apenas uma delas (Frazão, 2013, p.102). Além disso, a autora expõe que, no trabalho clínico da Gestalt-terapia, não é possível dar conta de tudo que é fundo, nem mesmo o

paciente, nem o psicoterapeuta, mas que, mesmo assim, aquilo que é fundo não deixa de o ser, a menos que transpasse para figura.

A título de exemplo, a história de vida de uma pessoa, mesmo que ela não fale sobre isso o tempo inteiro, não deixa de fazer parte daquele paciente, sendo fundo para algo que esteja emergindo. A figura e o fundo estão diretamente ligados, determinando o sentido daquilo trazido em psicoterapia pelo paciente.

A teoria e a prática da Gestalt são ricas e se destacam pelo olhar que têm para a experiência vivida, que é individual, e para o processo de consciência de si e de suas relações, proporcionando um crescimento único de se reconectar, o que é fundamental para viver de maneira autêntica, percebendo as reais necessidades. A abordagem favorece um contato com o aqui-e-agora, e isso motiva um olhar amplo para as possibilidades, as responsabilidades e o desejo.

Assim, a Gestalt é uma poderosa abordagem com recursos valiosos que estimulam a espontaneidade em um lugar seguro e respeitoso, e que oferece presença, cuidado e companhia para seguir os mais pedregosos caminhos com o paciente.

2.3 Análise sobre a ludopatia, à luz da Gestalt

Existem diversas formas de tratamento para o vício em jogos de azar, porém, apesar da importância do tratamento, muitas pessoas com ludopatia não procuram por ele, ou nem mesmo reconhecem que há problemas com os jogos e as apostas. A perspectiva gestáltica tem uma forma cuidadosa e respeitosa de trabalhar e contribuir para a saúde mental.

O tratamento para as pessoas que têm ludopatia deve ser individualizado, e é essencial que ele seja realizado por profissionais qualificados, como psicólogos, que têm como função facilitar, no que for possível, o acesso a respostas pelos envolvidos na situação, a meios e atalhos para chegarem ao que podem conseguir obter, de modo autônomo e responsável (Lima, 2019).

É comum pais e ou responsáveis se culparem pela dependência e adicção do familiar, porém, se colocarem neste lugar não soluciona o “problema”, muito menos diminui o sofrimento advindo dele. Independentemente do modo aditivo, segundo Malgor (2019), a dificuldade está na perda de um lugar de autoridade e de uma

tarefa fundamental por parte desses pais, que é acompanhar os filhos até que possam seguir sozinhos, de maneira autônoma.

A culpa, independentemente de quem seja, tem a ver com o passado e exime os adictos aos jogos de atuar no presente. Já a responsabilidade permite agir e pensar no que é possível fazer agora, pois “ser responsável é aumentar a consciência das conseqüências de (...) decisões, e partindo desta clareza, construir um presente mais de acordo com como escolho viver” (Malgor, 2019, p.161). Essa responsabilidade precisa ser do dependente em apostas de jogos, e não de qualquer outra pessoa ou circunstância.

Augusto Cury (2023) afirma que os pais fazem o trivial, dão broncas, orientações e ensinam tarefas de escola, mas que do essencial se esquecem, do diálogo. O autor completa que pais e mães, nesse modo de agir, com a era digital, sepultam seus filhos vivos.

Ainda sobre a responsabilidade relacionada à ludopatia e a seu tratamento,

a decisão de mudar vem da transformação do ponto de vista oriunda de uma abertura conceitual e imaginária sobre um “outro possível”. Não é porque estamos cientes de que uma situação é insuportável que decidimos mudar; é quando percebemos que uma situação pode mudar que entendemos que ela é insuportável (Romani, 1999, *apud* Malgor, 2019, p.126).

A pessoa que vivencia a dependência em apostas em jogos de azar só arriscará novos modos de se comportar se ela perceber necessidade e desejar o processo. E ser responsável pelo caminho a seguir a coloca como protagonista do tratamento, bem como da sua vida.

O paralelo entre o uso de drogas, tema principal do livro de Malgor, e o tema deste trabalho, a ludopatia, à luz da Gestalt, elucida a “maravilhosa possibilidade de não ser eu”, a fuga de uma realidade insuportável, maior do que a própria adicção.

Para Ciornai (2023), quando as circunstâncias não são favoráveis para que as pessoas se sintam pertencentes, com oportunidades iguais, e elas não encontram na caminhada da vida o que desejam ou necessitam, “a capacidade de autorregulação saudável e de ajustamento criativo ao meio se tornam muito precárias. Torna-se preciso encontrar formas de ‘não sentir’ e ‘não perceber’” (Ciornai, 2023, p.14).

Assim, diante de situações aflitivas e dolorosas, as pessoas recorrem a mecanismos que são formas de autorregulação disfuncionais, por exemplo, desconectando-se de si, do que sentem e do que necessitam, não desejando, não pensando no hoje nem no amanhã, mas sim se aliviando e tendo confortos momentâneos (Ciornai, 2023, p.14).

Estar desconectado de si, porém, completa a autora, pode provocar consequências destrutivas. Para ela, as adicções estão nesses modos de alívio: “Elas passam a ser ansiolíticos, antidepressivos, a melhor companhia em momentos de solidão, a relação afetiva mais fiel e a mais gratificante” (Ciornai, 2023, p.14).

Entretanto, Selma Ciornai (2023) também ressalta que, quando as pessoas se anulam e lançam mão da adicção, o norte para as escolhas, as decisões e os caminhos autênticos é subtraído, dificultando o contato delas com elas mesmas, com os outros e com o mundo, sendo empobrecido e repetitivo.

Como Malgor (2019) já havia dito, e Ciornai (2023) reforça, o trabalho do Gestalt-terapeuta deve ser o de ver as adicções, no caso, as de dependência em jogos de azar, como “muletas”, como uma estratégia utilizada de maneira paliativa para sofrer menos. “Em termos gestálticos, são ajustamentos ‘possíveis’ para alcançar algum tipo de autorregulação orgânica, por mais disfuncionais que sejam” (Ciornai, 2023, p.15).

Granzotto (2023) dialoga sobre as adicções relacionando-as a uma clínica da banalidade, pelo olhar da Gestalt-terapia. Para ele, esse tema exige dos profissionais mais do que teoria e técnica, mas uma reflexão que compreenda as adicções como produto de um funcionamento social de poder que leva os indivíduos a um esvaziamento, que coloca a pessoa em uma inutilidade, na inércia.

Quando ele usa a palavra “banalização”, refere-se a uma sociedade em que há ausência de reflexão sobre valores, os quais o mercado determina, resumindo ao econômico e ao estético, além de valorizar indivíduos focados em consumo, produção, sucesso e relações fluidas. O autor compreende que “os sujeitos da banalidade parecem não querer mais se comunicar, alienados de seus desejos, sem perspectivas e projetos, fugindo do presente e dos movimentos do vínculo social” (Granzotto, 2023, p.69).

Granzotto (2023, p. 72) afirma que esses indivíduos não se responsabilizam pelas escolhas, “deixam que suas decisões sejam norteadas por terceiros, sejam eles os jogos de azar, as *fake news*, as previsões místicas ou os rituais obsessivos e

secretos frequentes nos distúrbios alimentares”. Ele acrescenta que os sujeitos são corpos para relações de consumo, que não há vínculos reais (Granzotto, 2023).

Portanto, a liquidez de valores e os indivíduos de pouca segurança, coragem e responsabilidade banalizam o que têm de mais importante: a sua autonomia, a liberdade e as frutíferas possibilidades, cenário propício à adicção em jogos de azar.

Pessoas que fazem uso demasiado das apostas em jogos de azar se apoiam nas chances de ganhar, porém, mesmo perdendo, continuam, como se a decisão de apostar novamente não fosse delas. Essa busca incessante por um resultado que quase nunca é positivo pode ser chamado de ajustamento banal. Os ajustamentos banais, que Granzotto (2023) trabalha em seu texto, fazem com que a pessoa abra mão de desejos e projetos quando esbarra com um “Outro autoritário”, ocasionando apropriação de condutas de puro consumo (Granzotto, 2023, p.75).

No caso da ludopatia, podemos chamar de um “Outro autoritário”, por exemplo, a chance de ter uma vida financeira de maneira fácil e rápida, sem que se precise trabalhar. O problema é que, muitas vezes, os riscos da atividade não são mensurados.

Os ajustamentos banais são uma resposta de fuga do conflito, e a “alienação em um terceiro ofusca desejos e identificações personalísticas que são substituídos pelos restos de objeto de consumo com os quais criam um vínculo de dependência” (Granzotto, 2023, p.72).

Em termos gestálticos, aquilo que orientaria a ação da função de ato (ego) em suas deliberações e alienações, o fluxo de awareness, é substituído pelo consumo supérfluo e inconsequente, como se assim não precisasse sentir (awareness sensorial), desejar (awareness deliberada) e assumir identidades sociais (awareness reflexiva) (Granzotto, 2023, p.73).

Como exposto nos parágrafos acima, o jogador se aliena, busca sempre pelo resultado positivo, sem consciência do caminho que está seguindo, e não percebe os seus desejos e suas identificações ficando opacos, dando luz à dependência e ao consumo de jogos de azar.

Granzotto (2023), então, exprime uma ideia de uma banalização dos comportamentos, e muito da vida, devido a uma grande exigência da atualidade, somada a uma ausência de si, culminando em pessoas que não questionam, não refletem, não se responsabilizam, nem se culpam por nada. Alienação, impotência e banalização de demandas reais são possíveis causas das adicções.

O autor manifesta que o corpo adicto, independentemente da maneira de adicção, perde a autonomia, vive pela programação de outros, por ideologias, propagandas ou substâncias. “Estes terceiros acabam dando sentido à vida já empobrecida de experiências existenciais” (Granzotto, 2023, p.76). Nesse campo da banalidade, as pessoas perdem o verdadeiro sentido da existência, e são necessárias intervenções que recuperem essa energia vital para apropriarem-se e responsabilizarem-se.

A intervenção na clínica da banalidade necessita de um acolhimento que reconhece que o sujeito faz parte de uma coletividade e pertence a um campo social. Assim, Granzotto (2023) diz que os ajustamentos devem ser tratados com ética, respeito e sem o senso comum, e que mais do que prazer, os comportamentos adictos proporcionam certo alívio. Complementando, “a acolhida, atenção e intervenção a estes sujeitos constitui a clínica dos ajustamentos banais” (Granzotto, 2023, p.71), ou seja, constitui a clínica da dependência em jogos de azar.

Se visualizarmos a adicção como uma doença, enxergaremos o dependente em jogos como alguém que precisa ser curado, e isso é uma concepção rígida, com um olhar biológico, como da Medicina, que tem uma proposta puramente clínica, em que profissionais fazem de tudo para o paciente ser curado. Com este olhar, o dependente em jogos não poderia contribuir para a sua recuperação e se exime da responsabilidade de sua dependência.

Malgor (2019), porém, faz uma crítica ao DSM quando diz que os transtornos mentais são relativizados a critérios políticos, ideológicos e, às vezes, também técnicos. A ludopatia está no DSM. A título de curiosidade, o autor apresenta que, em 1973, o manual considerava a homossexualidade doença - ótimo exemplo para se convencer de que a adicção não se cura, pois não é uma doença, e sim sintoma de um sofrimento mais profundo.

A visão do autor supracitado refere à conduta aditiva como a melhor maneira pela qual as pessoas conseguiram encontrar certo equilíbrio e bem-estar. Ele afirma: “Se olharmos os indivíduos, sua saúde e sua vida além dos modelos preestabelecidos do que são saúde, bem-estar e felicidade, entenderemos que as pessoas sempre fazem o que podem com o que têm” (Malgor, 2019, p. 157).

No caminho de compreender a ludopatia como uma adicção, Malgor (2019) contribui muito para este texto quando afirma que o jeito correto de dizer adicção é no singular, pois não quer dizer sobre quantidade de vícios, mas sim “uma maneira

de sobreviver e de relacionar-se que se expressa em um vínculo de dependência a distintas substâncias, condutas e pessoas” (Malgor, 2019, p. 192).

Somando às considerações dispostas até aqui, Lima (2019) também diz que é preciso acreditar no potencial criativo do ser humano, na capacidade de se reinventar em qualquer situação, de se autorregular. E, “se considerarmos que uma das principais funções da clínica gestáltica é a da valorização da busca da autonomia, e que para isso a construção da capacidade do sujeito de cuidar de si mesmo é fundamental” (Lima, 2019), os profissionais que trabalham com essa abordagem têm uma função importantíssima com as pessoas com ludopatia.

E, como se espera que o jogador patológico tenha, como tratamento, um desenvolvimento da sua autonomia, não se pode usar uma abordagem assistencialista, curso este que não é o da Gestalt. “A proposta da Gestalt-terapia não é a de oferecer respostas e/ou promessas de resolução para as dificuldades, bloqueios e impossibilidades (...). Não pretendemos dar conselhos ou fazer pelo outro” (Lima, 2019).

Da mesma maneira, Silva (2023, p.43) faz uma crítica às abordagens que são proibicionistas, patologizadoras e medicalizantes. Ele diz que o resultado dessa conduta é o esquecimento do “Ser”, daquele que tem potência, que vive em relações.

O acolhimento às pessoas com ludopatia, pelo olhar ético da Gestalt, deve fazer uma interrupção da moral clínica e aproveitar a sua grandeza de não ser dogmática. Além disso, é da conduta da clínica gestáltica acolher as diferenças e respeitar e compreender a particularidade do ajustamento de cada um (Granzotto, 2023, p.75).

O gestalt terapeuta tem a liberdade de criar modos de atuação e ser criativo naquilo que faz, desde que não abandone a visão de cuidado que o orienta. Cuidar gestalticamente é incentivar a autonomia, respeitar todo e qualquer ser humano no seu modo de ser e estar diante do outro humildemente, pois somos todos seres-no-mundo, atravessados pela existência mundana onde somos cuidados e cuidadores (Lima, 2019).

A Gestalt-terapia, que vai na contramão da caminhada de dar assistência, aconselhar ou proibir, aponta como

primordial a descentralização do nosso lugar de Gestalt-terapeutas, descentralizar o lugar de terapeutas clínicos, detentores de um suposto

saber sobre o outro para a abertura do encontro com a experiência, e permitir que a descoberta aconteça na relação. É ampliar os suportes existentes durante o percurso dos caminhos, é tornar visível que o caminho na relação não se constrói sozinho. Pois, apostar no encontro, é transgredir contra um saber psiquista, psicopatologista e centrado apenas em um dos pares, é desconstruir a ideia de um mundo interno, do dentro de si, a mesma lógica abraçada pelo pecado e patologias, responsabilizando o sujeito e não reconhecendo a vulnerabilidade no campo (Silva, 2023, p.49).

A Gestalt se apresenta como uma abordagem rica, única e eficaz, além de política e atual.

Silva (2023) afirma que é preciso construir um caminho diferente, questionar condutas e ser sensível ao que é encontrado no caminho. Para ele, é preciso fazer “com”, e nunca “para” ou “sobre o outro”.

Sendo assim, é possível considerar e afirmar a eficácia da abordagem, pois, segundo Lima (2019), “do ponto de vista da Gestalt-terapia, o processo de ser cuidado evolui para um aprendizado do autocuidado”, e, segundo Berri (2020), é intervindo nos ajustamentos interrompidos e visualizando aquilo que o paciente tem de mais saudável que é possível restaurar a autonomia e os ajustamentos funcionais, que são essenciais para tratamento da ludopatia.

A eficácia da abordagem está diretamente ligada à presença do psicoterapeuta, que é quem tem um papel fundamental no apoio ao indivíduo, pois ajuda a procurar novas maneiras de prazer, alívio, satisfação, além de novas fontes de suporte (Ciornai, 2023, p.15).E, para que haja abertura para essas novas maneiras de viver, é preciso que o profissional tenha uma visão de campo, dos inúmeros fatores psíquicos e sociais que fazem com que a pessoa se sinta e fique à margem (Ciornai, 2023, p.16).

As possibilidades no campo precisam aumentar e serem ofertadas aos adictos. Segundo Ciornai (2023, p. 16), é preciso que haja “políticas psicossociais (...) que ajudem a restituir a dignidade, a esperança e o sentido de pertencimento social a cada indivíduo e suas famílias”.

Ademais, a autora reafirma que o oposto de adicção não é sobriedade ou abstinência, mas sim conexão, contato. Para ela, uma relação e um encontro de qualidade favorecem novos arranjos existenciais (Ciornai, 2023, p.16). Nesse sentido, não é tratamento para o ludopata simplesmente ficar abstinente dos jogos, mas sim que se estabeleçam novos tipos de relações, que apresentem conexão,

contato, presença e verdadeiros encontros. Delas, brotarão novas maneiras de se posicionar diante do mundo, de si e com os outros, independentemente da situação.

Para Granzotto (2023, p.70), a atenção do profissional que atende o ser adicto deve ser direcionada para a “relação que se estabelece entre o sujeito e a substância ou comportamento no qual se refugia”, pois é na relação que, segundo ele, é possível compreender o ajustamento e suas possibilidades de superação.

Paralelamente, ele diz que a redução de danos é a melhor intervenção de política pública para os casos de adicção. O objetivo é manter as estratégias de defesa que a pessoa dá conta e buscar novas formas de enfrentamento. É preciso despertar pensamento crítico sobre suas formas de banalização e, conseqüentemente, restabelecer os ajustamentos banais. Ademais, é preciso responsabilizar o paciente sobre seus comportamentos, encorajá-lo e fortalecê-lo para o enfrentamento do “Outro social”, seja ele qual for. É preciso que a pessoa seja protagonista da própria vida, produza sentido próprio, não absoluto (Granzotto, 2023, p.77).

É importante ressaltar que, para além do tratamento para a ludopatia pela via da psicologia, outras áreas também se fazem importantes. Estratégias multiprofissionais e multifocais só acrescentam positivamente no processo. Entre elas, podemos citar: “apoio de grupo, medicação, prática de atividades físicas e intelectuais, da mesma maneira que interação social, uma alimentação adequada e sono equilibrado” (Estação Psi, 2019)

E, para finalizar sobre a análise valiosa da Gestalt sobre o tema da ludopatia, embora tenha diversas manifestações, é possível afirmar que há muito mais por detrás de uma adicção, especialmente de uma dependência em jogos de azar. É preciso que haja uma análise individual, portanto, do que compõe as raízes do sofrimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos abordados, não há dúvidas de que a ludopatia é uma questão que merece atenção, principalmente devido à complexidade do quadro patológico, que apresenta consequências negativas múltiplas, podendo ser, por exemplo, emocionais, financeiras e sociais.

Para análise e intervenção dos casos de dependência de jogos de azar, a Gestalt-terapia se mostra eficaz, pois é uma abordagem respeitosa, cuidadosa com o paciente, que investe na promoção de autonomia, liberdade e responsabilidade.

No atendimento a pessoas com ludopatia, a Gestalt ajuda o paciente a ampliar a consciência sobre o comportamento de adicção e buscar o verdadeiro sentido da dependência, que é individual. Mas mais que análise comportamental, a Gestalt cuida do Ser, daquele que apresenta um sintoma.

O tratamento para a ludopatia não é a interrupção do comportamento compulsivo, mas a investigação de como a pessoa se relaciona com tal atividade, pois, mesmo com efeitos adversos, ainda assim, o sintoma apresenta-se como a melhor forma encontrada pelo indivíduo para relacionar consigo, com os outros e com o mundo.

À luz da Gestalt-terapia, é possível compreender a ludopatia como uma “bengala” ou “muleta” para a pessoa que passa por algo que tem sido mais insuportável para ela. Nos termos gestálticos, é um ajustamento criativo, uma autorregulação, que diz de estratégia para que a pessoa viva melhor.

Ressalta-se, mais uma vez, um dos aspectos mais importantes da abordagem: considerar para além do sintoma. O objetivo da Gestalt não é extingui-lo, no caso, a dependência, mas sim receber e acolher o Ser que o carrega, na sua essência, através de um encontro genuíno. Não acolhemos o sintoma, acolhemos o Ser. Trata-se o sintoma, desde que o Ser seja enxergado.

Por estar focada a uma visão integral do Ser, a Gestalt propõe que, na adicção, não exista sujeito doente, que precise ser curado, não como algo interno, mas sim um sujeito com subjetividade construída a partir de relações estabelecidas pelo homem-mundo.

Sendo assim, devido aos impactos na saúde mental dos jogadores patológicos, o tratamento multiprofissional é importante, sobretudo o

acompanhamento de um psicólogo, para ajudá-los a buscar novas formas de suporte e enfrentamento à “raiz problema”.

REFERÊNCIAS

- BERRI, B. A Esperança como Ajustamento Criativo: Reflexões dos Processos de Saúde e Doença em Gestalt Terapia. **PHENOMENOLOGICAL STUDIES - Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. 3, p. 351–360, 2020.
- BRASIL. Banco Central. **Análise técnica sobre o mercado de apostas online no Brasil e o perfil dos apostadores**. Brasília: 2024. 3 p. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE119_Analise_tecnica_sobre_o_mercado_de_apostas_online_no_Brasil_e_o_perfil_dos_apostadores.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.
- CARDOSO, C. L. A Face Existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.
- CIORNAI, S. A Perspectiva Gestáltica sobre Adições e Dependência de Drogas. In: SILVA, G.; SILVA, J. R.; SOUSA, W. L. (Orgs.). **Gestalt-terapia Sobre o Uso do Álcool e Outras Drogas: Estudos e Reflexões Sobre as Adições na Contemporaneidade**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2023. p. 13-17.
- CURY, Augusto. **Intoxicação Digital: Como enfrentar o mal do Milênio**. 1 ed. Brasil: Dreamsellers, 2023.
- FRAZÃO, L. M. Psicologia da Gestalt. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.
- FRAZÃO, L. M. Um Pouco da História, Um Pouco dos Bastidores. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.
- FUKUMITSU, K. O. O Método fenomenológico em pesquisa gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.
- GALETTI, C.; ALVARENGA, P.; ANDRADE, A.; TAVARES, H. Jogos de azar e uso de substâncias em idosos: uma revisão da literatura. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 35, p. 39-43, 2008.
- GRANZOTTO, R. L. As Adições e a Clínica da Banalidade na Gestalt-terapia. In: SILVA, G.; SILVA, J. R.; SOUSA, W. L. (Orgs.). **Gestalt-terapia Sobre o Uso do Álcool e Outras Drogas: Estudos e Reflexões Sobre as Adições na Contemporaneidade**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2023. p. 69-78.
- LIMA, P. V. A. A Gestalt-terapia Holística, Organísmica e Ecológica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

LIMA, P. V. A. Gestalt-terapia e Cuidado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. SPE, p. 1051-1066, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000400013>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MALGOR, Hermann Schreck. **Soltar as Muletas**: Um olhar diferente sobre as drogas e a adição. 1 ed. São Paulo: Summus, 2019.

MENDONÇA, M. M. A Psicologia Humanista e a Abordagem Gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

NEWPORT, C. **Minimalismo Digital**: Para uma Vida Profunda em um Mundo Superficial. 1 ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

ORLANDI, A. P.; ZORZETTO, R. Os Efeitos Nocivos dos Jogos On-line. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 343, p.12-21, out. 2024.

PSI, E. **Saúde Mental e Bem Estar**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://cdn.afpesp.org.br/images/arquivos/Noticias/2023/0314_Arquivo-interno_Estacao-Psi.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

REHFELD, A. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

SILVA, G. Caminhos Críticos para uma Gestalt-terapia Antibroibicionista. In: SILVA, G.; SILVA, J. R; SOUSA, W. L. (Orgs.). **Gestalt-terapia Sobre o Uso do Álcool e Outras Drogas**: Estudos e Reflexões Sobre as Adições na Contemporaneidade. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2023. p. 43-51.

TAMMARO, Rodrigo. Jogos de Azar. **Rádio USP**. 2021. Disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/discernir-entre-uso-e-abuso-de-jogos-de-azar-pode-ser-caminho-para-tratamento-e-evitar-a-dependencia/>>. Acesso em: 2 mai. 2025.